

## “JARDIM FECHADO” – A VOZ E A VEZ DAS LEITORAS DA *REVISTA FEMININA*

Bárbara Heller

A partir de 1917, quando a *Revista Feminina*<sup>1</sup> anuncia 14.468 assinantes, a seção “Jardim Fechado” passa a entrar em funcionamento. A propósito do título da seção encontra-se na edição de fevereiro de 1918, na *Revista Feminina*, número 45, o seguinte comentário:

“Trata-se, de fato, de um jardim fechado, isto é, de um jardim privado onde só são recebidas as pessoas da nossa intimidade. Quer isto dizer que as pessoas, cujos nomes não estão incluídos no nosso livro de assinantes, não serão recebidas em nosso Jardim” .(In: Mascaro, 1982, p. 130.)

Em outras palavras: a *Revista Feminina* tinha como propósito privilegiar a prática da leitura e da escrita de suas assinantes, em detrimento das demais. Isto pode ser entendido como uma espécie de sedução para que mulheres não-assinantes se tornassem assinantes ganhando, junto com a assinatura, o direito de publicar.

Como a *Revista Feminina* não tornou a publicar o número de assinantes nos anos seguintes, a única informação disponível sobre seu crescimento data de setembro de 1918, quando anunciou uma edição de 20 a 25 mil exemplares mensais. (In: Mascaro, 1982, p. 27).

Se lembrarmos que em 1917 havia aproximadamente 14 400 assinantes, é bastante significativa uma tiragem de 20 a 25 mil exemplares no ano seguinte, o que significaria 1.7 exemplar para cada assinante. Isto é: se as informações numéricas estiverem corretas e se se estimar que para cada assinante publica-se um exemplar, pode-se considerar um aumento de pouco mais de uma vez e meia de assinantes em um ano apenas.

---

<sup>1</sup> A *Revista Feminina*, fundada em 1914 por Virgínia de Souza Salles, em São Paulo, contou com grande número de leitoras nos seus 22 anos de funcionamento. Tal sucesso pode ser parcialmente explicado pela boa divulgação da revista, bem como pelas estratégias de promoção que adotou, como prêmios e descontos. É na seção “Jardim Fechado” que talvez resida a maior atração que exerceu sobre o público feminino, pois nela pediam-se para publicar “pequenas comunicações de nossas leitoras, bem como produções literárias” para “desenvolver assim o gosto literário entre as leitoras”. Muitas corresponderam ao pedido e puseram-se a colaborar com artigos assinados.

Não se pode atribuir única e exclusivamente ao “Jardim Fechado” o provável aumento do número de assinantes, mas, por outro lado, não se pode ignorar a colaboração que as condições impostas nesta seção deram para, no mínimo, garantir a manutenção do periódico.

Em março de 1918 surgem as primeiras correspondências, ainda sem caráter literário, como trocas de confidências de uma leitora cujo casamento se aproxima:

“Recebi a carta em que me fazes a embaraçosa confidência de teu noivado. Dizes que não amas o teu noivo, mas confessas que ele é um homem honrado, bom, afetuoso e inteligente. É difícil que se encontre um moço com tantas qualidades. Casa-te com ele, embora não o ames. O amor vem depois, é uma coisa que se faz com o hábito. Casa-te e serás feliz.

Quem dá este conselho não sou eu, que tenho pouca experiência da vida, pois temos quase a mesma idade. Quem o dá é Paul Bourget, que, como sabes, é o mais fino e autorizado conhecedor desses assuntos.” (In: Mascaro, 1982, p. 131.)

Embora neste trecho o assunto predominante seja o amor (ou a falta dele) na vida real, é Paul Bourget quem é citado como solução para o impasse da noiva angustiada. É digna de nota a referência a tal escritor por uma leitora que se diz jovem e inexperiente, pois mostra certo refinamento intelectual tanto de sua parte, como da noiva em questão, que não precisou de maiores explicações sobre o autor citado.

Já em agosto do mesmo ano o “Jardim Fechado” assume um caráter mais literário, como é possível deduzir da seguinte explicação, localizada na parte superior da sua página:

Nesta seção publicaremos pequenas comunicações de nossas leitoras, bem como produções literárias, que não excedam de 30 linhas em prosa e de 14 em verso.

É nosso intuito desenvolver assim o gosto literário entre as leitoras e facilitar-lhes uma correspondência útil e interessante. As produções literárias deverão ser assinadas, sem o que não serão publicadas.

Em setembro de 1918, a leitora A. Brigida, de Santos, já perguntava:

Quais são os romances brasileiros, principalmente de autores modernos, que uma moça solteira pode ler?

Não há moça ou menina que não goste de romances. Tenho duas filhas, que têm a mania dos romances. Isso me deixa apreensiva. Por enquanto, elas vão contentando de ler os velhos autores franceses, como Eugene Sue, Ponson e outros do mesmo quilate. Bem sei eu que esses romancistas são bastante morais e não tratam de assuntos que façam corar uma menina. (...)

Dos autores modernos brasileiros, os poucos que conheço, são suspeitos. Peço, por isso, às colaboradoras desta seção indicarem-me os romances certos e instrutivos que uma mãe pode entregar, sem cuidados às suas filhas. (In: MASCARO, 1982, p. 132.)

É importante notar a forma pela qual a zelosa mãe de família flagra supostos hábitos de leitura entre as mulheres: “Não há moça ou menina que não goste de romances”, ao mesmo tempo que anuncia os autores em circulação neste mesmo público: Sue e Ponson, folhetinistas franceses.

Ao mesmo tempo que tal leitora mostra pouca familiaridade com autores brasileiros, é capaz de fazer julgamento crítico sobre os da França e, simultaneamente, de se manifestar no “Jardim Fechado”, onde espera encontrar respostas.

É a leitora M.P.F.C., de Goiás, quem lhe dá os primeiros nomes recomendados de autores nacionais às moças:

“(...) recomendo o *A Intrusa*, de Júlia Lopes, como romance delicadíssimo e lindo, muito próprio para moças e assim o *Correio da Roça* da mesma escritora, de leitura interessante e, sobretudo, aproveitável.

Bons também *Pela mão de uma criança* e *Não desanimar* de fr. Pedro Sinzig.

O livro *Minha filha*, que não é propriamente um romance, merece muito ser lido (Affonso Celso).

Quase todas as produções de Alencar e de Macedo (entre os romancistas antigos) podem ser lidos por moças.

Recomendo também as obras de Julio Diniz (português), cujos romances, a par de sentimento, delicadeza, estilo, etc., possuem, sobretudo, grande elevação moral.

As heroínas dos *As pupilas do sr. Reitor*, *A Morgadinha dos canaviais*, *Os fidalgos da casa mourisca* são dignas de admiração e ... imitação ... sem perigo... (In: MASCARO, 1982, p. 134.)

Bem se vê que a leitora goiana é bastante versada em literatura brasileira do início do século XX: a citada Júlia Lopes de Almeida, além de renomada romancista, era uma das colaboradoras da *Revista Feminina* e frei Pedro Sinzig, autor de poucos romances, também era religioso da Igreja Católica no Brasil e um dos responsáveis pela confecção do *Através dos romances; guia para as consciências*, publicado em 1923 pela Editora Vozes<sup>2</sup>. Júlio Diniz, como revela a correspondente, era português, fato que não a impede de inclui-lo entre os romancistas brasileiros confiáveis às moças de fino trato.

A pequena troca de correspondência entre as leitoras de Santos e a de Goiás mostram a eficiência do “Jardim Fechado”, que conseguiu promover um pequeno diálogo entre duas leitoras que moravam a milhares de quilômetros de distância uma da outra.

Também é possível localizar troca de informações de natureza literária entre Clarita, de Casa Branca, que escreve em julho de 1919, e Clara Camara, de São Paulo, que lhe responde em novembro de 1919. A primeira declara-se amante da leitura, mas inábil para a produção de versos:

“Mas eu amo o verso como os batráquios amam as estrelas, sem nunca conseguir alcançá-las. Nunca consegui compor um estrofe que saísse ao meu gosto, clara, perfeita e brilhante, às vezes parece-me que o verso é um instrumento, como, por exemplo, o piano, cuja aprendizagem não depende somente do gosto e do esforço, mas também da escola e da técnica. Ora, o que me falta é a técnica e a escola. Haverá algum compêndio que ensine essas coisas? [...]

Clara Camara reponde a Clarita da seguinte forma:

---

<sup>2</sup> Trata-se de uma espécie de versão brasileira do *Index Librorum Prohibitorum*, no qual eram aprovados ou censurados títulos ou autores aos leitores católicos.

A técnica do verso é a coisa mais fácil que há. A sua aprendizagem faz-se em menos de uma semana. Eu nunca fiz versos nem tentei fazê-los. Mas estudei versificação para poder senti-los. Creio que o verso não tem segredos para mim.[...] Estudei versificação pelo método de Feliciano de Castilho, que reputo, senão completo, ao menos de uma utilidade imprescindível. O tratado de Castilho, como observei, tem lacunas, porque é um pouco antiquado. Mas ele fornece cabalmente os primeiros elementos. O resto deve ser feito pela leitura constante dos grandes poetas, que valem mais que os melhores métodos.

Desta vez, a troca de informações entre Clarita e Clara recai sobre a produção de textos poéticos, embora nenhuma das duas seja poeta. Enquanto a primeira recorre a um símile de gosto duvidoso “eu amo o verso como os batráquios amam as estrelas”, a segunda afirma dominar a técnica poética, sem nunca tê-la exercido, mas aconselha a leitura dos “grandes poetas”, sem, no entanto, nomeá-los. Dessa curta troca de correspondência podemos intuir que ambas se sentem bem mais constrangidas para escrever e publicar obras de sua autoria, do que em divulgar publicamente hábitos de leitura. Isso talvez explique por que o português Feliciano de Castilho, autor do *Método português Castilho*, obra produzida em 1846, mas divulgada e adotada no Brasil em 1855, é lembrado como uma referência positiva. Basta lembrar que o método teve como preocupação central a introdução da criança na leitura e incluía as mães de família como agentes da propagação de sua proposta, como mostra a “Súplica Final”, reproduzida em *Correspondência pedagógica*, também de sua autoria:

“Termino rogando aos srs. Professores, pais ou mães de famílias e outras quaisquer pessoas, que hajam ensinado por este método, ou o tiverem meditado, se sirvam fazer-me saber por qualquer via tudo o que nele acharem necessitar de emenda, já por diminuto, já por excessivo ou redundante, já por mal explicado, a fim de que obra tão útil possa aperfeiçoar para ulterior edições.” (IN: LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina, 1996, p. 187.)

Assim sendo, não parece surpreendente a referência a Antonio Feliciano de Castilho por uma mulher do início do século XX, que possivelmente se beneficiou das campanhas de

alfabetização no país, ocorridas a partir de 1889, ano em que se instalou a República no Brasil, sob forte influência positivista.

Em agosto de 1919, na *Revista Feminina* número 66, mais uma vez é M.P.F.C, de Goiás, quem responde a algumas leitoras e quem ao mesmo tempo lança novas questões. Inicialmente responde a uma carta escrita um ano antes por uma certa J.P. , de Jaú, sobre os livros que recomendou à senhora A. Brigida, de Santos:

“C.P.. (Jaú)

A senhora encontrará os livros por mim indicados à A. Brigida, na Livraria Teixeira, rua de S. João, n. 16, São Paulo, exceto as obras de frei Pedro, edição das Vozes de Petrópolis.

[...]

Na livraria Teixeira a senhora encontrará ainda a tradução de dois formosos romances da escritora alemã Mme. Eugenie John, que assina seus trabalhos com pseudônimo de Marlitt; *A segunda mulher* e o *Segredo da Solteirona* podem ser colocados entre as mãos da moça mais escrupulosa.

Recomendo ainda na mesma livraria um interessantíssimo livro de John Carling, intitulado *A queda de César*.

E, na seqüência, a goiana pergunta:

“Qual é o romance que mais tem agradado às leitoras do Jardim Fechado e por quê?”

“Na opinião das inteligentes colaboradoras desta seção qual é o romancista que melhor sabe compreender e definir a alma feminina?”

Embora não tenha conseguido localizar as respostas às questões propostas por M.P.F.C nas edições seguintes, é interessante notar a rede de informações que a seção “Jardim Fechado” permitiu formar. As leitoras não só escreviam sobre livros e sobre o fazer poético, como também começavam a vencer resistências e a publicar textos de sua autoria, como Nadir, que publica em junho de 1919 “O amor e o ódio”, na edição número 62; Lourdes Lambert, que publica em agosto de 1919, na edição número 63, “Desvanecer de sonhos”; e Niny, que publica em dezembro de 1919, na edição 67, “Homenagem”. Nair Veiga, Sertaneja, Lygia Marques, Lylia Guedes, Potiguarina e Marilda Palinia foram outras colaboradoras assíduas do “Jardim Fechado”. (In: MASCARO, 1982, p. 135.)

Embora não se possa identificar atualmente quem foram Nadir, Lourdes Lambert, Niny, Nair e as outras, não parece equivocado começar a supor que foi graças à permanência do “Jardim Fechado” e à insistência estampada em sua página para que as leitoras publicassem seus textos, que ocorreu tal participação, contrariando a mentalidade vigente da época: a de que as mulheres deveriam, no máximo, ler os livros de rezas e alfabetizar seus filhos. Ser profissional de letras não era, portanto, considerado adequado às mulheres, a menos que escrevessem obras pedagógicas, voltadas à infância brasileira.

Também há textos pedindo conselhos sobre cuidados com o corpo, como o assinado por Sertaneja, em julho de 1919, edição 62:

“Espero que me dêem, também a mim, um pouco de atenção e me forneçam os conselhos de que estou necessitando. Sou moça, tenho vinte anos apenas, e apesar de minha magreza, tenho o ventre um pouco crescido. Não é muito crescido e uma simples cinta basta para fazê-lo desaparecer, mas como sou magra, não sei por que o tenho tão desenvolvido. A princípio, cuidei que fosse excesso de nutrição, e tratei de me alimentar o menos possível. O resultado foi emagrecer ainda mais, mas nem por isso o meu ventre diminui de volume. Se alguma das colaboradoras conhece o meu caso, queira indicar-me o remédio por esta seção, que lhe ficará muito grata a amiguinha

Sertaneja – Livramento

Em novembro de 1919 a Sertaneja recebe uma resposta de Clarice, de São Paulo:

[...] Mas se não há excesso nem erro de nutrição e se não há nenhuma enfermidade que o justifique, o desenvolvimento do ventre só é curável por meio da ginástica. Nessa ginástica, que é sempre de uma eficácia extraordinária, há uns tantos exercícios que têm a propriedade de fortalecer os músculos do ventre, portanto, de lhes diminuir o volume.

[...]

Siga os meus conselhos e verá que se dará muito bem.

Não há saúde sem esporte.

Da amiguinha

Clarice – São Paulo

O uso do diminutivo “amiguinha” usado por ambas assinantes pode revelar a construção de um vínculo afetivo, bem como de certa infantilização, uma vez que o assunto em pauta não era

de natureza intelectual, mas de interesse exclusivamente estético e feminino. Mesmo que a segunda hipótese seja a mais acertada, não se pode deixar de levar em consideração que mulheres, dos pontos mais variados do país, à medida que o “Jardim Fechado” ia se firmando, sentiam-se suficientemente confortáveis para procurar conselhos que variavam desde cuidados com a beleza do corpo, até conselhos sentimentais, como a já citada noiva angustiada, do início do texto.

Os temas mais recorrentes versavam sobre trocas de sonetos, amor, solidão, felicidade e o papel da mulher na sociedade.

A seção “Jardim Fechado” mantém-se até janeiro de 1927. Depois desta data ela deixa de ser publicada, sem nenhuma nota explicativa.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste trabalho, ainda em estágio inicial de pesquisa, propus-me começar a investigar a participação efetiva de mulheres na imprensa, hábito que se mantém estável até os dias de hoje, tanto por mulheres, como por homens.

Elegi a *Revista Feminina* por se tratar tanto de um periódico administrado principalmente por mulheres desde seu nascimento, em 1914, como também por sua longevidade – 22 anos. Quando a fundadora morre em 1918, é João Salles, seu marido, quem continua na direção da revista até 1925, quando a filha do casal, Avelina Souza Salles, assume a função de secretária e redatora. Ao longo do período delimitado em minha pesquisa – 1914/1920 – é notório o envolvimento das assinantes com o periódico: muitas escrevem cartas ou poesias na seção “Jardim Fechado”, como apontado ao longo do texto, mas ainda há outras que fazem longos comentários sobre publicações recentes, na seção “Livros Novos”, ou ainda produzem longas



análises sobre feminismo no Brasil e no exterior, sobre a necessidade de trabalho remunerado, etc.

Tais levantamentos ainda são insuficientes para garantir a hipótese de que havia mais do que 20% de brasileiras alfabetizadas entre 1889 e 1920, mas começam a dialogar com outras pesquisas, sobre a mesma temática, em outros meios. Refiro-me à obra de Marialva Barbosa, *Os donos do Rio; imprensa, poder e público* que afirma ser possível localizar no mesmo período, nos jornais do Rio de Janeiro, *Jornal do Brasil*, *Correio da Manhã*, *Gazeta de Notícias* e *O Paiz* colunas de correspondência entre os diários e seus leitores.

Conforme a pesquisadora, em poucos meses, em 1901, o *Jornal do Brasil* recebeu 182 cartas, entre as quais 31 de trabalhadores e 25 de mulheres. Esses dados começam a configurar o perfil do público leitor de tal jornal no início da década de 10: trabalhadores, mulheres, pequenos comerciantes, militares de baixa patente, moradores dos subúrbios e de bairros centrais.

Também há registros de leitoras tanto de jornais considerados mais populares para a época, caso do *Correio da Manhã*, como dos mais tradicionais, como *O Paiz*. Tais dados parecem querer dizer que as mulheres, mesmo as menos abonadas, possuíam habilidade suficiente para se manifestar por escrito e publicamente, tanto em jornais, quanto em periódicos femininos.

Embora não se possa definir a qual classe social pertenciam as colaboradoras de “Jardim Fechado”, e ainda não disponha de dados numéricos das colaborações femininas durante os 7 anos analisados, parto do pressuposto de que por ter a *Revista Feminina* explicitado entre suas preocupações a inclusão das mulheres trabalhadoras, é possível que, assim como suas colegas cariocas, elas tenham se manifestado e usufruído do farto material literário veiculado pelo periódico, como contos, romances e poesias.

**BIBLIOGRAFIA**

BARBOSA, Marialva. *Os donos do Rio: imprensa, poder e público*. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 1998.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996.

MASCARO, Sonia de Amorim. *A Revista Feminina: imagens de mulher (1914-1930)*. Dissertação de mestrado na área de Ciências da Comunicação/Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 1982. (mimeo)

**SITES CONSULTADOS**

[http://www.unicamp.br/iel/memoria/base\\_temporal/Didaticos/didatico.htm#1853](http://www.unicamp.br/iel/memoria/base_temporal/Didaticos/didatico.htm#1853)